

Literatura popular como ferramenta para a educação ambiental

Alexandre de Souza Acioli¹

RESUMO: Este trabalho se propôs a analisar como a literatura de cordel tem contribuído para esclarecer e educar a população com relação às questões ambientais. Observamos como alguns temas relacionados ao meio ambiente são abordados pelos poetas populares, colaborando para que se possa alcançar um dos “Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, estabelecidos no ano de 2000 pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em vários encontros internacionais tem-se reconhecido a influência direta dos meios de comunicação no comportamento do cidadão e a utilização da imprensa para a promoção da educação ambiental, através da difusão de conhecimentos. E aqui, colocamos a literatura de cordel como um veículo de comunicação e uma mídia que vem trabalhando essas questões.

Palavras-chave: cordel; educação ambiental; folkcomunicação.

INTRODUÇÃO

O interesse na produção deste trabalho nasceu da necessidade de identificar quais informações os poetas populares produzem e passam para os ouvintes e leitores, quando o assunto tratado diz respeito às questões ambientais e de sustentabilidade.

Pela sua importância, esses temas fazem parte dos assuntos discutidos por governos, grupos empresariais e pela própria população. Apesar da gravidade da situação, esses conteúdos ainda ocupam espaços periféricos e recebem pouca atenção dos veículos de comunicação de massa.

Os alertas vêm sendo registrados ao longo dos últimos anos. Citamos dois. O primeiro, ocorrido em 1992, quando da confecção da ‘Carta da Terra’, uma declaração de princípios éticos para a construção de uma sociedade sustentável a partir do século XXI, elaborada durante a Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, ocorrida no Rio de Janeiro e que ficou conhecida como “ECO 92”:

“Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro (...) ou formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar nossa destruição e a diversidade da vida.” (CARTA DA TERRA, 1992)

Oito anos depois, a Organização das Nações Unidas (ONU), após analisar os grandes problemas do planeta, estabeleceu “Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”². Dentre eles, o sétimo, está relacionado a um projeto que possa garantir a sustentabilidade ambiental da Terra.

Esses registros mostram que a vida no planeta está ameaçada e se faz necessário a mudança de comportamentos e hábitos de consumo dos seus ocupantes, bem como de um trabalho de conscientização da população sobre a gravidade do problema e da necessidade de se construir e manter comunidades sustentáveis.

DESENVOLVIMENTO

O conceito de sustentabilidade definido por Capra (1996) é semelhante àquele introduzido por Lester Brown, do Worldwatch Institute, em 1980, e posteriormente incorporado pelo Relatório Brundtland, da ONU, que privilegia “a capacidade de o homem satisfazer suas necessidades sem reduzir as oportunidades das gerações futuras” (CAPRA, 1996). “A sustentabilidade diz respeito a um significado dinâmico e flexível, centrado no respeito à vida” (JARA 1a, 1998, p. 35).

Na definição de Jara (1998), o desenvolvimento sustentável:

“Tem dimensões ambientais, econômicas, políticas e culturais, o que necessariamente traduz várias preocupações: com o presente e o futuro das pessoas; com a produção e o consumo de bens e serviços; com as necessidades básicas de subsistência; com os recursos naturais e o equilíbrio ecossistêmico; com as práticas decisórias e a distribuição do poder e com os valores pessoais e a cultura.” (JARA, 1B, 1998, p.63)

Ao analisar o conceito definido por Jara (1998), constata-se que o modelo de desenvolvimento utilizado pelas comunidades desde a segunda metade do século XX não pode ser considerado como sustentável.

Nesse sentido, os meios de comunicação têm importante papel na orientação da população. As questões ambientais deveriam fazer parte das pautas diárias desses veículos, o que na realidade não ocorre, como se problemas dessa natureza não existissem.

Interesse despertado. Necessidade visível

Dezessete anos depois da ECO 92, observa-se que, gradativamente, as questões ambientais passam a despertar mais o interesse da população. A constatação é feita a partir do resultado da pesquisa nacional “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável”³, coordenada por Crespo (2001).

Com relação ao nível de informação sobre meio ambiente e ecologia, 52% dos entrevistados responderam que estão mais ou menos informados. Também chama a atenção, o fato de que nas pesquisas realizadas em 1997 e de 2001, mais de 50% das pessoas ouvidas não foram capazes de identificar nenhum problema ambiental no seu bairro, o que mostra a necessidade de melhorar o fluxo de informações sobre essa temática para o público.

Apesar da demanda, a quantidade e a qualidade do ‘produto’ oferecido pelos meios de comunicação (a notícia) não passa, em muitos casos, da superficialidade, de informações fragmentadas, de um discurso de indignação ou do sensacionalismo noticioso.

Born (apud SOUSA e FERNANDES, 2002) reconhece que a grande imprensa não desempenha a sua função social e precisa ser capacitada para tratar das questões ambientais. Essa constatação é complementada com a afirmativa de Noblat (2002, p. 22), para quem “mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento”.

Literatura ou Jornalismo de Cordel?

Na busca de informações sobre meio ambiente, constata-se que os poetas populares abordam o tema através das suas cantorias e versos da literatura de cordel. Na categorização do '*ambientalismo multissetorial*', dividido assim por Viola (2001, p. 135), esses profissionais se encontram entre os educadores, ao lado de jornalistas, professores e artistas preocupados com a conscientização das massas.

Para Buarque (apud TRIGUEIRO, 1999) eles são considerados os mediadores ativistas, aqueles agentes culturais que mobilizam e propagam idéias, que têm a responsabilidade social de transmitir à comunidade informações de um mundo ainda não acessível. Ele assim define esses sujeitos:

“É um militante que organiza, planeja a participação de outros nos movimentos, que se posiciona a favor ou contra determinada situação, domina diversos conhecimentos, dá primazia a ações que comportam diferentes graus de definições, é um propagador de idéias” (BUARQUE apud TRIGUEIRO, 1999).

A literatura de cordel é uma das tradições populares mais antigas do Brasil. A sua origem dá-se no período colonial, quando a trova portuguesa uniu-se a poética do caboclo, fazendo nascer um estilo literário essencialmente sertanejo e que se consagrou como sinônimo de criatividade e humor.

Anterior ao século XV, a literatura de cordel era conhecida pelos fenícios, saxões, cartagineses, romanos e gregos. Só chegou à Península Ibérica no século XVI, onde recebeu o nome de "*folhas soltas*" ou "*volantes*", em Portugal. Na Espanha era chamada de "*pliegos sueltos*". Chegou ao Brasil pelas mãos do colonizador português, entrando pela Bahia e depois irradiando para os demais Estados nordestinos.

Em meados de 1750, surgiram os primeiros poetas do cordel que, no Brasil, foi batizada como sinônimo de poesia popular oral. No livro *Vaqueiros e Cantadores* (1939, p. 16), Luís da Câmara Cascudo registra que os folhetos só foram introduzidos no país pelo cantador Silvino Pirauá de Lima e, posteriormente, por Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista.

Carvalho (2002) garante que somente no final do século XIX, com o aparecimento das primeiras tipografias - responsáveis pela passagem da tradição oral para o registro da produção dos folhetos - o cordel começou a se firmar no país.

Ciência, Meio Ambiente e Tecnologia relatadas de forma simples

Tradicionalmente eram produzidos contos, histórias fantásticas e temas da mitologia. Hoje, com o avanço da ciência e da tecnologia, os poetas populares deixam de lado os personagens fictícios e se apropriam de temas reais e atuais, do cotidiano do povo. Mais do que no passado, atualmente esse mediador ativista exerce o papel de repórter dos acontecimentos do dia-a-dia do Brasil e do mundo.

Os temas que tratavam diretamente de ciência, tecnologia e meio ambiente geralmente ficavam restritos apenas a alguns setores da sociedade, pois não eram fáceis de serem difundidos com clareza para as massas. Faltavam formas populares de comunicação capazes de reduzir a distância entre os pesquisadores e o povo; faltavam ferramentas eficazes para esclarecer e despertar o interesse da população por esses assuntos.

Para atingir diretamente a sociedade, os cientistas e pesquisadores passaram a utilizar a comunicação secundária⁴, produzindo textos com linguagem coloquial e forte

embasamento conceitual e metodológico. Nesse processo eles foram buscar apoio em algumas manifestações culturais, incorporando-as com o objetivo de auxiliar no processo de comunicação.

A literatura de cordel, uma manifestação de folkcomunicação⁵, foi uma das ferramentas escolhidas, sobretudo porque a linguagem utilizada pelos poetas populares é simples e informal, além de estar mais próxima das falas do povo, ter abrangência e ressonância.

Benjamin (2001) afirma:

“A literatura popular em versos, na sua forma impressa, conhecida como literatura de cordel’ ou ‘literatura de folhetos’, foi a primeira manifestação de folkcomunicação a ser veiculada através de tecnologia (...) Do ponto de vista comunicacional, foi estudada como canal para a comunicação direta entre as populações e como mediador entre a comunicação de massa – especialmente as manifestações do jornalismo impresso e radiofônico – e os portadores da cultura folk. Também tem sido estudada ao nível de recepção”.

A partir dessa definição é possível relacionar a teoria de Luiz Beltrão (2004) ao caráter conservador e ideológico do cordel como uma manifestação que expressa fatos e opiniões do cotidiano das classes excluídas, mas interessadas na aquisição de conhecimento e experiência para aperfeiçoar-se.

Ainda segundo Benjamin (2001), o cordel integra o:

“Conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes do público marginalizado urbano e rural, através de agentes e de meios direta e indiretamente ligados ao folclore”.

Na era de comunicação globalizada, o cordel constitui-se num veículo de comunicação e informação que permite construir e reconstruir discursos de caráter popular voltados para discussões as mais variadas, relacionadas às transformações sociais, a sustentabilidade, ao desenvolvimento científico e tecnológico.

Literatura de cordel é jornalismo popular, “uma forma de produção de notícia impressa que atinge um universo bem grande de pessoas no Nordeste brasileiro” (BENJAMIN, 2001) e em outras regiões do país. Ao registrar acontecimentos da vida real, através de uma linguagem simples, clara, direta e objetiva, o cordel consolida-se como um precioso veículo de comunicação e uma importante fonte para a transmissão de informações técnicas de interesse do povo.

O cordel ambiental

Tendo em vista os objetivos definidos para este trabalho, realizamos a coleta de 21 folhetos de cordel nas cidades do Recife (PE), Bezerros (PE), Goiana (PE) e João Pessoa (PB), cuja temática está relacionada ao meio ambiente, nos seus diversos aspectos:

1. O cordel da ecologia - Medeiros Braga, João Pessoa - PB, 2008;
2. A natureza quer viver. Não mate a vida – Davi Teixeira, Bezerros - PE, 2005;
3. Salvem a fauna! Salvem a flora! Salvem as águas do Brasil. – Manoel Monteiro, Campina Grande - PB, 2006;
4. O homem que mexeu com a natureza – João Perón, Santana do Cariri - CE, s.d.;
5. Amazônia pede socorro – Edivaldo de Lima, Goiana - PE, s.d.;

6. Rio Capibaribe: renascer para sobreviver – Euclides Paiva e Pedro Queiroz, Recife -PE, 2003;
7. O lamento de um sertanejo pela não transposição do São Francisco – Vicente Campos Filho, João Pessoa - PB, 2006;
8. As águas do São Francisco movem turbinas, geram vida e poder – Dilsom Barros, Tabira-PE, 2006;
9. Cuidar do meio ambiente faz parte da minha natureza – Gildo Siqueira Filho, Taquaritinga do Norte - PE, s.d.;
10. Água e preservação – Altair Leal, Limoeiro - PE, 2007;
11. O planeta água está pedindo socorro – Manoel Monteiro, Campina Grande - PB, 2005;
12. O planeta está chorando com o aquecimento global – José Evangelista, Olinda - PE, 2007;
13. Aquecimento global. É frescura ou a coisa esquentou mesmo? – Abdias Campos, Recife -PE, 2007;
14. Quem ama não suja – Manoel Monteiro, João Pessoa - PB, 2007;
15. Água – Abdias Campos, Recife - PE, 2008;
16. Poluição sonora – Abdias Campos, Recife - PE, s.d.;
17. Lixo. Onde botar? – Abdias Campos, Recife - PE, 2008;
18. Seca no Sertão: vergonha do brasileiro – Ernando Carvalho, Recife - PE, s.d.;
19. O cordel da transposição – Medeiros Braga, João Pessoa - PB, 2008;
20. O planeta Terra pede socorro – Izaias Gomes de Assis, Parnamirim - RN, 2008;
21. Os efeitos do aquecimento global – Felipe Júnior, Recife - PE, 2007;

A análise dos folhetos voltou-se à verificação da maneira como os temas são abordados e tratados pelos autores. Para a realização do estudo, fizemos uma revisão literária sobre o assunto em função do tema em destaque. A investigação desenvolveu-se respaldada na teoria folkcomunicacional, de Beltrão, e na Análise de Conteúdo, entendida como:

“Um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coletas de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica a análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento” (CHIZZOTTI, 1991, p.98).

Na atualidade a literatura de cordel afasta-se do tradicional e faz incursões por temas mais complexos como as artes, a ciência e as questões ambientais, assuntos que interessam diretamente a sociedade. Os educadores a levaram para as salas de aula, principalmente nas escolas do Nordeste; para os livros didático-pedagógico⁶ e até para concurso público⁷.

Especificamente falar de ciência e meio ambiente através da utilização dessa manifestação folkcomunicacional não é apenas uma tentativa de popularizar os temas, mas utilizar um meio popular para orientar e informar as massas. Assim fez Varnecki Nascimento, ao registrar em versos a passagem do Furacão Katrina pelos Estados Unidos, em 29 de agosto de 2005. O acidente com o Césio 137 em Goiânia (GO), ocorrido em 13 de setembro

de 1987, foi narrado por Manoel Santa Maria no folheto “O Césio 137 e a salada de lixo à brasileira” e Gonçalo Ferreira da Silva falou da passagem do cometa Halley, em 1986. O poeta escreveu “Lá vem Halley formado de gás, mistérios e lendas”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação e análise do corpus podemos apresentar as seguintes conclusões:

1. Os assuntos abordados nos folhetos de cordel estão relacionados a problemas muito próximos do dia a dia das pessoas. Neles se discute o local, o regional e o global. Todas as temáticas estão relacionadas ao “7º Objetivo de Desenvolvimento do Milênio”;
2. A análise do conteúdo revela que as construções e discussões dos temas pelos poetas populares estão voltados para um espaço que se relaciona com a vida dos seres humanos, dos animais, das plantas, das águas e do ar. Todo esse conjunto está associado à idéia de natureza;
3. Nos cordéis, o ser humano é parte central do meio ambiente e responsável por tudo de ruim que acontece à natureza;
4. A questão do desperdício e da escassez da água desperta a preocupação dos poetas populares;
5. O aquecimento global é abordado em três folhetos. Neles, as informações sobre o tema são básicas e os autores misturam argumentos sem, no entanto, se aprofundarem na questão;
6. Os folhetos, apesar de temas distintos, relacionam o problema à forma e as condições como vive o homem na atualidade e ressaltam a necessidade de maior consciência da população para melhorar as condições de equilíbrio ecológico e se viver de forma sustentável;
7. Os cordéis, do ponto de vista do entendimento popular, apresentam os temas de forma simples, com uma linguagem coloquial;

A primeira conclusão a que chegamos é a de que o poeta popular tem o seu papel social ampliado, não estando mais limitado a contar causos; também procura transmitir conhecimentos e se coloca na condição de facilitador e educador no processo de abordagem e discussão de temas complexos e importantes para a sociedade.

Essa mudança não significa que a literatura de cordel mudou, mas apenas que a arte busca está mais próxima dos fatos e das pessoas. Apropria-se dos temas atuais e transforma-os em informação versejada para as massas. Sem fugir da tradição, o cordel percorre um novo caminho, com a atualização da linguagem das ciências.

Conclui-se, também, que apesar da limitação dos conteúdos publicados, os textos não levam informações erradas ao leitor. Os argumentos dos versos apresentam uma relação direta homem - meio ambiente, onde os autores priorizam a narrativa do fato negativo: degradação, desmatamento e poluição são males provocados pelo homem e que afetam a vida de todas as pessoas. Há ainda um discurso construído para mostrar que o predador pode ser também o responsável pela recuperação do meio ambiente.

Observa-se ainda que os discursos materializam as opiniões dos autores, onde são valorizados apelos a uma maior consciência do cidadão. Os construtores dos versos não estão isolados na ignorância, como chega a pensar alguns segmentos da sociedade. Pelo contrário, eles estão informados e constroem o discurso numa ordem em que os fatos e

argumentos são colocados de forma a facilitar a percepção e o entendimento do leitor. Os autores apropriam-se dos saberes da cultura popular para expressar-se. É o esforço do poeta para atingir as classes mais populares e aqui voltamos a citar Beltrão (2004), explicando a folkcomunicação como a troca de informações, opiniões e idéias provenientes da massa através de agentes ou dos meios populares ligados ao folclore.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo; Umesp, 2004.

BENJAMIN, Roberto. Folkcomunicação: os veículos de manifestação da cultura popular. In: **MÍDIA FOLCLORES**. O estudo da folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Cátedra UNESCO/Umesp e Faculdades Maringá. Maringá/São Bernardo do Campo, 2001.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo; Cultrix. 1996.

CHIZZOTTI, Antônio. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CRESPO, Samira. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável**. Pesquisa nacional de opinião. Rio de Janeiro: ISER e MMA, 2001.

JARA, Carlos Júlio. A sustentabilidade e desenvolvimento local: desafios de um processo em construção. In: **Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (HCS) Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco (Seplandes)**. Recife: [S.n], 199-.

_____. Globalização, desenvolvimento local e associativismo. In: **A sustentabilidade do desenvolvimento local: desafios de um processo em construção**. Brasília: IICA, 1998.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

SOUSA, Cidoval Morais de. FERNANDES, Francisco Assis Martins. **Mídia e meio ambiente: limites e possibilidades**. Disponível em: <<http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/midiaemeioambiente-N2-2002.pdf>> . Acesso em 22 fev. 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **O ativista midiático da rede folkcomunicacional**. Disponível <http://200.201.9.18/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=536&path%5B%5D=370>. Acesso em: 13 maio 2009.

VIOLA, Eduardo; LEIS, Hector. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia global viável. In: **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as ciências sociais**. São Paulo; Cortez, 2001, p.134-160.

1 Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É especialista em Ciência Política (Unicap) e Administração com ênfase em Marketing (UFRPE). Graduado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo (Unicap). Sócio da Rede de Estudos e Pesquisa em Fokcomunicação (Rede Folkcom).

2 Os Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio são: 1 - Erradicar a pobreza extrema e a fome, 2 – Alcançar o ensino primário universal, 3 – Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres, 4 – Reduzir a mortalidade infantil, 5 – Melhorar a saúde materna, 6 – Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças, 7 – Garantir a sustentabilidade ambiental e 8 – Estabelecer uma Parceria Mundial para o Desenvolvimento. A meta da ONU é atingi-los até o ano de 2015.

3 A primeira pesquisa foi realizada em 1992 e repetida nos anos de 1997 e 2001, com o objetivo de produzir um painel de informações públicas sobre a consciência ambiental no Brasil.

4 A comunicação secundária também é chamada de divulgação. Epstein (2002, p.98, Apud Pessoni) revela que a popularização do conhecimento científico tanto pode ser efetuada através da figura do divulgador, mediador entre o cientista e o público, como pelo próprio cientista que assume também o papel de divulgador.

5 Folkcomunicação é, segundo a definição de Luiz Beltrão, (...) o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore (1980:24).

6 Trechos do cordel “Versos sofridos para um açude triste, do jornalista Walter Medeiros foi incluído no capítulo ‘Campo e Cidade: paisagens e interdependência’, do livro “Rio Grande do Norte: geografia e paisagens potiguares”, publicado pela Base Editora, de Curitiba (PR).

7 O cordel “A peleja do cordel de feira com a internet”, de Walter Medeiros, também já foi utilizado em duas questões da prova do concurso do Cefet/RN, em 2005.